

Entrevista: Eloisa Pilati

Multifaces do ensino gramatical na contemporaneidade

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Licenciada e Bacharel em Letras-Português, com mestrado e doutorado em Linguística, na Universidade de Brasília, a professora Eloisa Nascimento Silva Pilati fez pós-doutorado no Massachusetts Institute of Technology - MIT (em 2015). Atualmente é professora da Universidade de Brasília, no Departamento de Linguística Português e Línguas Clássicas (LIP), atuando na graduação e na pós-graduação. Atualmente é Coordenadora de Integração das Licenciaturas da UnB, foi coordenadora do PIBID Letras (2018) e lidera os Grupos de Pesquisa: "O Centro-Oeste na história do Português Brasileiro" e "Novas perspectivas para a língua portuguesa na sala de aula", ambos registrados no CNPq. Desenvolve pesquisas em duas áreas principais: linguística teórica e educação. No campo teórico, investiga a sintaxe da ordem de palavras, ordem verbo-sujeito, sujeitos nulos e fenômenos de concordância nas línguas naturais e, na área educacional, pesquisa temas relacionados a metodologias de ensino de língua portuguesa, neurociências e aprendizagem e uso de materiais concretos no ensino de gramática.

REVISTA DO ICH – Eloisa, em recente palestra na PUC Minas, você disse que um grande problema do ensino tradicional de gramática é que, em resultado de anos de estudos, os brasileiros sentem que nada sabem – como disse Marcos Bagno tempos atrás, além de ser prescritivo, trata-se de um ensino proscritivo (coloca certas coisas como “fora da lei”) e subtrativo, pois não constrói boa autoestima nos aprendizes. Gostaria de que você comentasse esse cenário.

ELOISA – São sempre muito complexas as questões da educação no Brasil e as do processo de ensino e aprendizagem, pois há múltiplos fatores envolvidos, que abarcam as políticas educacionais, passam pela formação de professores e de leitores, por iniquidades sociais, desenvolvimento teórico, *etc.* No que se refere especificamente ao ensino de gramática, meu tema de pesquisa nos últimos dez anos, posso afirmar que ainda temos um grande trabalho a fazer, pois, apesar do avanço em algumas áreas do ensino de língua materna, como a adoção de temas ligados à variação linguística e à linguística textual, a forma como a gramática tem sido abordada ainda deixa a desejar.

¹ Professora do Departamento de Letras, colaboradora do Programa de pós-graduação em Letras da PUC Minas. Editora de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão e da Revista do ICH. Coordenadora institucional do PIBID PUC Minas.

Se buscarmos perceber os padrões mais comuns de abordagem da gramática na sala de aula veremos três tendências principais. A primeira é a do ensino tradicional, em que a gramática é vista como “o manual do bem falar e do bem escrever” e em que as aulas seguem um método quase fixo: apresentação dos conceitos e da regra geral, apresentação de exemplos descontextualizados e apresentação das exceções. A segunda tendência é a da gramática sempre contextualizada, sempre vinculada ao texto e aos gêneros textuais, em que todo o conteúdo gramatical só pode ser abordado se estiver dentro do texto; e a terceira linha, é a de se abandonar o ensino de gramática, por considerar-se que esse tipo de ensino “não serve para nada”.

Eu tenho optado por uma quarta linha em que o conceito de gramática, assim como o conceito de língua, deve ser visto tal como Saussure nos ensinou. Todos sabemos que o pai da linguística moderna definiu as línguas naturais como sistemas “heteróclitos e multifacetados”, pertencentes tanto ao domínio individual quanto ao social, e compostos por várias facetas: a estrutural, a psíquica, a fisiológica, a física. Tenho optado por apresentar essas diferentes facetas para meus alunos, a fim de que eles possam compreender melhor o que é língua e de que forma a gramática, como sistema, se insere nesse conjunto de relações.

Como se pode perceber de maneira geral, nos textos oficiais, há influência dos estudos linguísticos sociointeracionistas e lacunas relacionadas à organização da língua como sistema e às propriedades inatas das línguas naturais, amplamente atestadas pelos estudos científicos. Hoje sabemos que há uma estrutura gramatical presente em cada construção gramatical, e que é por causa dessa previsibilidade que o processo de aquisição de uma ou várias línguas na infância ocorre de forma tão natural e com tanta rapidez e facilidade. A adoção de um viés parcial e incompleto, seja nos documentos oficiais, seja na formação de professores, é prejudicial para o ensino de língua portuguesa na escola, porque impede que duas dimensões básicas da constituição das línguas humanas sejam conhecidas em sua plenitude pelos alunos. Com essas lacunas, penso que não há como se compreender o funcionamento de um objeto multifacetado.

Por fim, como tenho defendido, a compreensão das propriedades das línguas humanas é importante porque facilita estudos interdisciplinares, contribui para o combate ao preconceito linguístico, colabora para o ensino de línguas. Enfim, minha percepção do problema é que seja necessário avançar na discussão sobre o ensino de línguas e, principalmente, sobre o ensino de gramática de forma mais científica, para que os estudantes da educação básica tenham melhores condições de

compreender o mundo que os cerca e para que possam usar seus conhecimentos linguísticos com autonomia, a fim transformarem suas realidades.

REVISTA DO ICH - Nas últimas décadas, temos assistido a um embate, no campo das ideias linguísticas, em que se afirmar Gerativista (portanto, formalista) seria algo menos “nobre” do que ser funcionalista ou sociointeracionista. Por que isso acontece? Como você avalia essa espécie de preconceito contra a Gramática Gerativa?

ELOISA – Essa sua pergunta toca um tema muito interessante, que tem relação com a resposta anterior no que tange às divisões teóricas típicas dos estudos linguísticos. Certas visões parciais dos estudos linguísticos criaram um tipo de “Fla x Flu” teórico em nossa academia, que não nos beneficia como comunidade científica, apesar de já ter sido superado de certa forma por vários pesquisadores.

Como linguista e cientista, entendo que é normal haver diferentes hipóteses sobre os fenômenos da realidade, que é sempre complexa e maior do que temos condições de investigar cientificamente. Por esses motivos, é comum a opção de fazer alguns recortes da realidade e selecionar certos conjuntos de dados para que se possa fazer a análise. Esses recortes são próprios do pensar e do fazer científico tal como os entendemos hoje.

Em relação aos estudos funcionalistas e formalistas, vemos claramente áreas de investigação linguística com pressupostos e objetivos de pesquisa distintos. Estudos funcionalistas estão mais preocupados com as relações externas da língua, por assim dizer, com as relações estabelecidas entre os fenômenos linguísticos e aspectos sociais e culturais. Estudos sobre variação linguística têm nos ensinado muito sobre as várias realidades linguísticas do português do Brasil e a combater mitos como o da homogeneidade linguística. Pesquisas sobre análise do discurso nos ajudam a enxergar as relações de poder que se revelam nos textos. Já os estudos gerativistas investigam outras propriedades das línguas humanas, tais como a Faculdade da Linguagem, a capacidade que todos os seres humanos têm de adquirir e desenvolver uma língua, e as propriedades dos sistemas linguísticos das línguas naturais – tanto aquelas propriedades que tornam esses sistemas tão semelhantes quanto as que os diferenciam. Também há estudos fascinantes sobre a aquisição de língua pelos bebês e sobre as línguas indígenas e línguas de sinais... Atualmente, são também estudadas as similaridades e diferenças entre as línguas humanas e os sistemas de comunicação animal, as relações entre o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores e a evolução das

espécies. Todos esses temas são estudados por pesquisadores gerativistas em parcerias com psicólogos, biólogos, antropólogos, *etc.*

Enfim, penso que subestimar pesquisas em um ou em outro âmbito da linguagem é uma atitude que diz mais sobre a compreensão que o indivíduo tem sobre o que seja fazer ciência, do que sobre a área da ciência em si.

Também vale mencionar que, quando essas duas áreas se unem para investigar fenômenos em comum, os resultados são muito interessantes, por nos apresentarem aspectos complementares de um mesmo fenômeno. A meu ver, a parceria mais bem sucedida entre formalistas e funcionalistas ocorreu na década de 1980, com a sociolinguística paramétrica, liderada pelos pesquisadores Fernando Tarallo e Mary Kato, ambos da Unicamp. A forma de investigação linguística fundada por eles nos deu – e ainda dá – uma enorme contribuição para a compreensão dos fenômenos que caracterizam o português do Brasil, sobre variação e mudança linguística.

REVISTA DO ICH – É bem estabelecida a compreensão, hoje, de que as línguas variam inexoravelmente e, eventualmente, mudam. Como esse fato inescapável da língua é visto sob as lentes da Gerativa, em seus desdobramentos contemporâneos?

ELOISA – Há diversos estudos atuais sobre as questões de variação e de mudança linguística sob a ótica da teoria gerativa. Sobre o tema específico da variação, há uma hipótese de que gosto muito, que tem sido defendida pelo pesquisador Tom Roeper, da Universidade de Massachusetts Amherst, que postula a existência de gramáticas múltiplas. Para ele, devido à multiplicidade de dados a que somos expostos, podemos desenvolver em nossa mente um conjunto de minigramáticas para diferentes domínios. Isso significa dizer que todos nós somos de certa forma bilíngues. Se a hipótese do autor estiver no caminho correto, a variação pode ser entendida como um caso de gramáticas múltiplas.

Um exemplo da existência dessas gramáticas distintas, por exemplo, pode ser dado com os conhecimentos sobre ordem. No português do Brasil, o padrão mais comum de ordem é o de sujeitos + verbo + objeto, tal como em “A menina comeu o bolo”. Qualquer criança do Brasil foi exposta a esses dados, mas, ao mesmo tempo, essa mesma criança, ao escutar uma história ou ao ir para a escola, pode entrar em contato com “Chegou a professora /A professora chegou”, em que temos a ordem verbo + sujeito ou a ordem Sujeito + verbo. A criança vai compreender ambas as construções como gramaticais e entenderá que certas construções admitirão a ordem SV ou VS e

outras apenas a ordem SVO. Uma criança que usa essas duas formas pode ser considerada um tipo de “bilíngue” de acordo com a hipótese das gramáticas múltiplas.

REVISTA DO ICH - A abordagem que você – ao lado de um conjunto de outros importantes pesquisadores brasileiros – vem fazendo é algo voltado também à busca de aprimoramento metodológico, isto é, uma linguística aplicada mais pragmática, ao se preocupar com estratégias de ensino. Como vocês conciliam esses aspectos epistemológicos / metodológicos?

ELOISA – O trabalho que tento desenvolver busca conciliar alguns fundamentos e princípios advindos da teoria linguística (sem deixar de lado as já consolidadas questões sobre variação linguística e linguística textual) com aspectos neurocientíficos e psicológicos da aprendizagem, em busca de soluções pedagógicas que sejam críticas ao modelo tradicional, mas que, ao mesmo tempo, apontem alternativas metodológicas concretas. Há muitas críticas ao ensino tradicional de gramática, e todos sabemos que ele não tem dado bons resultados; partindo desse pressuposto, minha preocupação tem sido a de investigar novas formas de ensinar gramática e de contribuir para o debate, apontando alternativas concretas, levando em consideração os objetivos da educação básica. Em meus estudos, tenho sempre a preocupação de entender as contribuições dessas outras áreas e investigar formas de implementá-las para o ensino de gramática, com as devidas adequações. Considero que o uso de materiais concretos para o ensino de gramática, da forma que concebi em **Linguística, gramática e aprendizagem ativa** (Editora Pontes, 2017), é uma técnica de ensino que consegue aliar as contribuições desses três campos.

REVISTA DO ICH – Para você, a disseminação e a implantação de uma nova Base Nacional Comum Curricular – que traz pressupostos teóricos e epistemológicos – pode alterar a dinâmica do ensino linguístico em nosso país? Em caso afirmativo, em que medida / em que sentido você crê que isso acontecerá?

ELOISA – Esses direcionamentos oficiais têm o objetivo de garantir uma certa uniformidade dos currículos e conteúdos a serem abordados durante o processo de educação básica, o que, por um lado, tem seu valor, como política pública para promover a igualdade, mas, por outro, se ficar só no papel, não é capaz de modificar currículos e práticas anteriores. A Base pode ter alcance muito limitado caso os conteúdos e orientações epistemológicas propostas no documento não sejam levados para a formação inicial e continuada dos professores, discutidos, debatidos e transformados em práticas pedagógicas efetivas. Outro aspecto importante a considerar é a necessidade de

ampliação dos investimentos públicos para fomentar a educação (inicial e continuada) de qualidade. Investimentos são imprescindíveis, para que as possibilidades de formação em nível de excelência sejam para todos os professores brasileiros, a fim de combatermos a enorme desigualdade social do nosso país.

REVISTA DO ICH – Para você, que lida com a linguística pura, mas também se preocupa com a formação de professores, quais são os maiores desafios, no contexto atual?

ELOISA – Penso que o Brasil ainda precisa avançar muito em relação à educação. Temas como a valorização da educação, remuneração adequada dos professores, condições dignas de trabalho para a categoria, formação continuada e investimento em educação pública, gratuita e de qualidade parecem cada dia mais distantes das pautas do Ministério da Educação.

Sob o ponto de vista pedagógico, os maiores desafios da formação de professores estão relacionados a duas questões principais: a primeira, que é a necessidade de atualização dos currículos das licenciaturas, conforme as orientações do CNE/02 de 2015, a fim de que sejam estabelecidas relações entre teoria e prática durante a formação dos futuros professores; outro aspecto, como já mencionei anteriormente, é a necessidade de uma maior atualização no que se refere às contribuições das ciências cognitivas à aprendizagem. Para garantirmos uma aula mais proveitosa, é necessário que entendamos como as pessoas aprendem e quais as influências dos fatores sociais, psicológicos e biológicos na aprendizagem.

REVISTA DO ICH – Tem havido no governo atual, lamentavelmente, uma supervalorização do que seja “fazer ciência” em algumas áreas – como as Ciências da Saúde e as Exatas – em detrimento de outras – Ciências Humanas e Sociais, por exemplo –, tidas como ineficazes em termos de “retorno social”. Como você avalia essa situação?

ELOISA – Essa forma de pensar as ciências é muito prejudicial. Como educadora que entende o ser humano como um ser complexo e que vive em sociedade, entendo que desconsiderar aspectos da formação humanística é optar pelo caminho mais rápido para o esfacelamento das relações sociais em nossa sociedade.

➤ Saiba mais sobre a entrevistada (carreira acadêmica, obras publicadas, *etc.*) em:
Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0037568024594010>